

NARRATIVA JORNALÍSTICA E ENQUADRAMENTO IMAGÉTICO DAS CONDIÇÕES DE VULNERABILIDADE DE POVOS MIGRANTES NA FRONTEIRA MÉXICO-ESTADOS UNIDOS¹

JOURNALISTIC NARRATIVE AND IMAGERY FRAMING OF MIGRANT POPULATIONS' VULNERABLE CONDITIONS ON THE MEXICO-UNITED STATES BORDER

CAMILA DA SILVA FERNANDES²

ÂNGELA CRISTINA SALGUEIRO MARQUES³

VANESSA CARDOZO BRANDÃO⁴

RESUMO

Neste artigo olhamos para imagens fotojornalísticas feitas para uma matéria da BBC News que acompanha voluntários da equipe de resgate “Águias do Deserto”, responsável por percorrer o inóspito deserto de Sonora, na fronteira México e Estados Unidos, em busca de migrantes perdidos ou mortos. Selecionamos imagens e relatos que nos permitem dialogar com Judith Butler (2004, 2015, 2019) e Marielle Macé (2018), visando refletir sobre a importância de uma responsabilidade ética corporificada a ser construída a partir da consideração de povos migrantes e da enlutabilidade de suas vidas. Assim, consideramos que o fazer jornalístico pode interferir nas lógicas e nos esquemas de inteligibilidade que conduzem os julgamentos morais acerca das vidas que merecem ser protegidas ou não.

Palavras-chave: migração; fotojornalismo; vulnerabilidades.

ABSTRACT

In this article, we look at photojournalistic images taken for a BBC News report that follows volunteers from the “Desert Eagles” rescue team, responsible for scouring the inhospitable Sonora desert on the border between Mexico and the United States in search of lost or dead migrants. We selected images and reports that allow us to engage in dialogue with Judith Butler (2004, 2015, 2019) and Marielle Macé (2018), with a view to reflecting on the importance of an embodied ethical responsibility to be constructed based on consideration for migrant peoples and the grievability of their lives. Thus, we consider that journalistic work can interfere in the logic and intelligibility schemes that guide moral judgments about which lives deserve to be protected or not.

Keywords: migration; photojournalism; vulnerabilities.

1 A realização deste trabalho contou com o apoio do CNPq.

2 Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da Universidade Federal de Minas Gerais junto à linha de pesquisa “Comunicação, Territorialidades e Vulnerabilidades”. E-mail: camila.sfernandes@outlook.com

3 Professora PPGCOM da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Comunicação Social pela UFMG. Bolsista do CNPq. E-mail: angelasalgueiro@gmail.com

4 Professora PPGCOM da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Comunicação Social pela UFMG. E-mail: vcbrandao@gmail.com

Introdução

Entre os anos de 2017 e 2021 o governo norte-americano, sob a presidência de Donald Trump, implementou medidas severas e desumanas para conter os fluxos migratórios de pessoas latino-americanas que buscavam cruzar a fronteira entre o México e os Estados Unidos. Acompanhamos vários registros jornalísticos (Biondi; Marques, 2020) que documentavam a brutalidade da ação policial e institucional, sobretudo com relação às mulheres e crianças migrantes. Agentes de fiscalização da fronteira e soldados geralmente impediam, com o uso abusivo de força, a travessia de grupos latino-americanas que arriscam suas vidas deixando para trás, não raro, histórias de violência, precariedade, insegurança e perseguição. Atravessar o deserto a noite (e cruzar rios desconhecidos e perigosos), em situações de penúria extrema, para entrar nos EUA em busca de melhores condições de vida: esse sonho de cruzar a fronteira é também o sonho de cruzar um limiar que marca e distingue as vidas dignas de proteção e cuidado, das vidas apontadas como descartáveis.

As várias ações de abordagem e captura de migrantes na divisa estadunidense com o México, termina na separação entre pais e filhos, em mortes durante as travessias, falta de apoio institucional, além de vigilância, detenção, atendimento médico insuficiente, ofensas pessoais e deportações solitárias. O governo Trump amplificou as interdições a famílias migrantes que, impedidas de entrar no país, são separadas em condições brutais: os pais são deportados desacompanhados de seus filhos e filhas, que permanecem cativos por semanas ou meses em campos de detenção⁵ para imigrantes, muitos deles, sem qualquer documento.

Nos chama a atenção a maneira como o jornalismo enquadra as migrações de pessoas latino-americanas no deserto de Sonora, localizado entre o Arizona e a Califórnia, com 86.100 quilômetros quadrados (um território três vezes maior que o Estado brasileiro de Alagoas), ocupando uma das faixas da fronteira entre México e Estados Unidos. Neste contexto, escolhemos para a elaboração deste artigo uma matéria feita pela repórter venezuelana Valentina Colmenares⁶ para a BBC News em dezembro de 2023. Intitulada “‘Eles viraram múmias por causa do calor’: os relatos comoventes dos voluntários que recolhem corpos de migrantes em deserto no Arizona”, a matéria traz imagens que acompanham a narrativa de Colmenares e revelam diferentes aspectos da violência dos EUA para com os povos latinos, fronteiriços, com todas as implicações problemáticas de assujeitamento que esta relação de poder ainda apresenta.

Nas imagens e relatos que compõem a matéria, sujeitos migrantes e equipes de resgate aparecem como coletividade que age e sofre por meio de uma aliança pela sobrevivência: abandonam uma forma de vida e, enlutados pelo que ficou para trás, empreendem trajetórias de alto risco, risco de morte, de condenação, exílio, desaparecimento. Imagens de povos migrantes vão além de tornar visíveis seus corpos: são o registro de seu aparecimento na cena (pretensamente) pública, como condição necessária para a tematização da injustiça, para a configuração da política democrática e para a emergência de existências que afirmam que são vivas, que estão vivas e são dignas de viver, contestando sua pretensa invisibilidade e indignidade de luto.

5 Informações disponibilizadas pelo Relatório Mundial 2019, Human Rights Watch. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/world-report/2019>. Acesso em janeiro 2025.

6 Fundou e dirigiu a Unidade de Investigação de Proavinci. Escreveu para meios e agências internacionais de notícias. Fellow no programa da *World Press Institute da Universidad de Saint Paul* (Estados Unidos) e mestra em Relações Internacionais pelo Instituto Barcelona de Estudos Internacionais na Espanha, com especialização em Jornalismo e Desenvolvimento pelo Indian Institute of Mass Communication em Nova Delhi.

Há uma resistência corporal plural e performativa no trabalho que mostra como os corpos estão sendo manipulados pelas políticas sociais e econômicas que estão dizimando os meios de subsistência. Mas esses corpos, ao mostrarem essa precariedade, também estão resistindo a esses mesmos poderes; eles encenam uma forma de resistência que pressupõe uma vulnerabilidade de tipo específico e se opõe à precariedade (Butler, 2015, p. 67).

Diante dessas reflexões, buscamos explorar neste artigo a maneira como a narrativa jornalística elabora contextos sociais e históricos específicos, não apenas dando forma a seus horizontes, mas também interferindo na maneira como nos relacionamos com paisagens que definem a memória coletiva e o saber de uma época. Argumentamos que a narrativa escrita pela repórter venezuelana Valentina Colmenares, para a BBC, não é apenas uma modalidade textual, mas um modo de experimentar o mundo e se inserir nele, tomando posição diante da realidade cruel e desoladora enfrentada por migrantes que, assim como ela, lutam contra as fronteiras excludentes. Concordamos com Leal (2013) e Jácome (2014) quando afirmam que apreender eventos como parte de uma narrativa jornalística é um modo de conhecê-los, de se posicionar diante deles e de tentar transformar o que é tematizado como opressão e violência.

Narrativas jornalísticas são acompanhadas de imagens e cada imagem fotográfica, sempre em relação com outras imagens, pode ser tomada como parte de uma cena polêmica de aparição dos corpos de sujeitos migrantes e equipes de resgate na qual múltiplas forças se tensionam. Assim, acreditamos que a análise da narrativa jornalística pode nos auxiliar a questionar o enquadramento hierárquico e consensual, de interpelá-lo em busca das fissuras que indicam que a moldura não consegue determinar de forma precisa o que vemos, pensamos, reconhecemos e apreendemos (Butler, 2018).

Desenho metodológico: a narrativa jornalística como espaço de aparecimento político

uma das principais atribuições da narrativa jornalística é construir um enquadramento delineado com o objetivo de fornecer uma ideia organizadora central capaz de produzir sentido a partir de eventos relevantes e sugerir o que está em questão. O enquadramento dispõe, assim, *esquemas interpretativos* que produzem e organizam, sentidos acerca do mundo, de nossas relações e dos eventos que os atravessam. Justamente por isso ele está relacionado ao modo como desigualdades e assimetrias de poder se enraízam nas interações cotidianas (Butler, 2018).

Nossa aposta é a de que as operações enunciativas que configuram a narrativa que definem o “aparecer” de povos migrantes no jornalismo pode tanto reafirmar quanto desafiar o modo hierárquico de apresentação de uma forma de vida, reiterando ou rearranjando a legibilidade e as condições de apreensão dos sujeitos e de suas demandas. A análise da narrativa jornalística permite um exercício crítico e reflexivo, de modo a desmontar enquadramentos opressores e expor traços de humanização das existências (Leal, 2013). Quando investigamos com atenção os quadros de valores que organizam os registros narrativos, ampliamos as chances de trazer indeterminação à produção de sentidos, ou seja, de favorecer inteligibilidades que impossibilitem fixar o destino e a significação dos textos e imagens, desestabilizando esquemas de compreensão do que estava programado para poder ser visto.

A análise se baseia na identificação de aspectos do conteúdo e da apresentação da narrativa que remetem a formas de fixação e apresentação de enquadramentos que se amparam em panos de fundo morais e éticos associados a crenças coletivas, mas também em normas institucionalizadas e naturalizadas que avaliam e asseguram ou não reconhecimento aos sujeitos representados. Nossa proposta é refletir sobre a narrativa jornalística elaborada em 2023 pela repórter venezuelana Valentina Colmenares como textualidade que compõe as cenas de ocupação das escolas.

De acordo com Leal (2018), textos não são enunciados estáveis e cristalizados, mas devem ser vistos como resultado de um processo de trabalho, como práticas sociodiscursivas historicamente situadas e que se configuram e reconfiguram a partir das experiências intersubjetivas de pessoas e grupos. “Sujeito e textos fundam-se na textualidade, pondo-se em movimento e tornando-se outro para e pelo outro, num movimento em que conhecer o outro é conhecer-se” (Leal, 2018, p.31). Por isso, observar os textos em ação, nas diversas dimensões da vida cotidiana, nos conduz a compreender que as textualidades revelam uma rede complexa de fluxos que “desestabilizam as relações temporais e de sentido que definiriam a princípio os limites e os contornos dos textos” (Leal, 2018, p.23), ampliando e redefinindo sua ação à medida que a própria experiência segue seu curso. Assim, “textualidades são um modo de conhecer e investigar as realidades sociais, para que diferentes e variadas implicações se apresentem” (Leal, 2018, p.29).

Desta maneira, para a análise, recorreremos ao pressuposto destacado por Leal (2013), que entende que as narrativas jornalísticas podem se configurar como um modo de compreender o mundo, conferindo-lhe sentido a partir de seus enquadramentos, mas também de uma rede de significados, não reduzindo sua potencialidade à representação dos acontecimentos. Segundo ele, podemos apreender os textos jornalísticos em suas múltiplas textualidades como práticas sociodiscursivas historicamente situadas, considerando-os em processos de mútuos tensionamentos com temporalidades e espacialidades socialmente articuladas, em meio a clivagens e contradições, nas quais múltiplos atores sociais estão envolvidos em disputas de sentido e jogos de poder. As redes configuradas pelas textualidades orientam processos narrativos que dinamizam não só os enunciados e enunciações sociais, mas dialetizam os vínculos que configuram o tecido comum que nos une.

De forma semelhante, Jácome (2014) afirma que a narrativa jornalística confere legibilidade a acontecimentos e ordenam histórias individuais e coletivas de modo a expressá-las relacionalmente diante dos outros, marcando assim, o pertencimento a uma dada comunidade. Assim, a análise de uma narrativa jornalística busca evidenciar como foram organizados textualmente e imageticamente os quadros de referência que nomeiam e tematizam as experiências, os encontros com os outros e os saberes que se tornam visíveis a partir de enquadramentos.

Tomamos como fio condutor a realização de uma análise interpretativa de cinco imagens fotojornalísticas que acompanham a reportagem de Valentina Colmenares, de modo a buscar compreender como ela busca enquadrar de modo inteligível o mundo factual ligado à travessia de um dos desertos mais perigosos do mundo para a travessia feita a pé por migrantes latino-americanos. Partimos do pressuposto de que, ao narrar, ela articula agentes, interações, linguagens, resultados e valores em um enunciado possível, aberto à questionamentos e revisões (Jácome, 2014). Acreditamos que criar narrativas é um gesto ético que entrelaça o que ocorreu com novas possibilidades de se olhar para um acontecimento. Assim, segundo Leal (2013), uma narrativa jornalística não é o produto de um emissor, mas um modo de relação que envolve o

agir do jornalista e a agência crítica dos espectadores, que se apropriam reflexivamente das informações e integram um universo textual que é dinâmico e aberto.

Tal abordagem privilegia uma perspectiva orientada para as operações de sentido que sejam qualitativamente significativas para a interpretação crítica de um acontecimento público e para compreender a forma como narrativas jornalísticas ajudam a compor o processo de aparecimento de povos migrantes, e cujo grito reverbera ainda entre nós e nas teias narrativas que nos ajudam a compor e recompor espaços de dissenso. Sendo assim, não caberia, neste cenário, a formulação de uma pesquisa sistemática, baseada em códigos previamente configurados. Entendemos que a análise da narrativa jornalística, a partir da leitura de Leal (2013), está ancorada nas possibilidades de fazer aparecer diversas pistas que compõem acontecimentos justapondo imagens, documentos e relatos, criando redes possíveis entre discursos e eventos de comunicação, revelando as representações que ampliam as fissuras do real.

É possível aproximar a reflexão feita por Leal (2013) daquela explicitada por Butler (2015), quando essa autora analisa as narrativas jornalísticas de veículos norte-americanos acerca das pessoas que morreram no atentado de 11 de setembro de 2001. Distanciando-se de uma perspectiva que aponta as imagens como reproduções mecânicas do sofrimento para o consumo voyeurista de um outro que pode ser, no máximo, tolerado, Butler (2015) nos chama a atenção para as operações de mediação ética realizadas pela fotografia. Segundo ela, imagens que revelam o sofrimento, o luto e o padecimento de corpos vulneráveis podem reconfigurar a relação ética entre o espectador e as alteridades representadas: trata-se menos de transformar o espectador em testemunha passiva da desfiguração do outro, e mais de tematizar quais respostas e qual responsabilidade seriam possíveis nas condições atuais.

Sob esse aspecto, olhamos para as imagens que figuram os migrantes voluntários que trabalham na equipe “Águias do Deserto”⁷, responsável por percorrer Sonora em busca de pessoas perdidas ou mortas. O corpo que sofre nas imagens é marcado pela raça, pelo gênero, pela classe, pela condição de vulnerabilidade, deslocando nossa capacidade de apreensão e de reconhecimento. Junto com Judith Butler (2004, 2015, 2019) e Marielle Macé (2018) assinalamos a importância de uma responsabilidade *ética corporificada* a ser construída a partir da consideração de povos migrantes e da enlutabilidade de suas vidas. Assim, não é propriedade da imagem, em si, trazer dignidade aos migrantes, mas interferir nas lógicas e nos esquemas de inteligibilidade que conduzem os julgamentos morais acerca das vidas que merecem ser protegidas ou não.

Vulnerabilidades enquadradas pelas imagens fotojornalísticas

a jornalista Valentina Colmenares inicia sua matéria contando a história do migrante Raúl Sánchez, de 36 anos, que tenta fazer a travessia do deserto de Sonora, mas seu corpo não consegue acompanhar o grupo com quem seguia havia cinco dias. “Seus companheiros de viagem decidiram deixá-lo para trás depois de esperar três horas por ele em uma rocha no Cerro Picudo, no deserto de Sonora, no Arizona.” O coioite (guia pago para levar imigrantes sem documenta-

7 De acordo com a reportagem da BBC que analisamos, os Águias do Deserto recebem cerca de 450 solicitações de busca mensalmente por meio de seus números de telefone e contas em redes sociais. Com cem voluntários que se revezam em cada operação, eles realizam duas ou três buscas por mês. A maioria dos casos é descartada por falta de informações que permitam identificar onde realizar as buscas no deserto.

ção através da fronteira) sugeriu que ele deixasse seu celular ligado para chamar o número 911 demandando resgate (a patrulha da fronteira o deportaria para o México). A irmã de Raúl, sem notícias de seu paradeiro, entrou em contato com a equipe “Águias do Deserto”, um grupo de voluntários, geralmente latino-americanos, que procura migrantes no deserto de Sonora, entre o Arizona e a Califórnia.

A existência dessa equipe e as atividades de consideração e cuidado que realizam, nos motivaram a olhar para as imagens em busca de uma oportunidade de refletir acerca de como responsabilidade ética pode promover uma agência solidária e hospitaleira capaz de transformar condições de vulnerabilidade e promover uma consideração que reconheça a dignidade de todas as formas de vida, sobretudo a precariedade das vidas de povos migrantes.

Sabemos que quando o fotojornalismo atribui ao sujeito sofredor uma posição atrelada à sua identidade de classe, raça, gênero, sexualidade, ele o remete a um julgamento moral que o qualifica e justifica seu padecimento em uma dada situação. Em outras palavras, o enquadramento que delinea posições de sujeito e de grupos fundamenta-se geralmente em matrizes socioculturais e em estereótipos, ampliando ainda mais as violências simbólicas infligidas aos sujeitos, uma vez que funciona sob um quadro de referências genérico e previsível.

Assim, mesmo ganhando “visibilidade” nas páginas de jornais, sujeitos e grupos mais vulneráveis não se tornam socialmente inteligíveis e visualmente reconhecíveis. Como se esses sujeitos e grupos fossem menos dignos de valor diante do olhar de um espectador que, presumivelmente, as interroga e avalia seus modos de vida e condutas (Biondi; Marques, 2015, p.3).

Nesse sentido, argumentamos que o enquadramento produzido pela mídia, muitas vezes constitui uma violência simbólica à dignidade de sujeitos e povos migrantes, empurrando-os ao ostracismo, à ausência de ação e ao apagamento de suas experiências e trajetórias singulares. De acordo com Butler (2004, 2019), o apagamento se concretiza por meio da própria representação, ou seja, quando há sub-representação ou quando a representação efetiva a captura da alteridade pelo mero reconhecimento de uma identidade imposta. No caso de povos migrantes, observa-se que a vulnerabilidade dos corpos costuma ser elencada como um elemento central, definidor e irreversível, que desautoriza qualquer possibilidade de ação, resistência e transformação. Contudo, para Butler (2015), a vulnerabilidade não é imutável, mas pode ser modificada conforme o indivíduo altera as condições de sua experiência, experimentando formas de agência individual e coletiva.

Sendo assim, segundo Biondi e Marques (2015), uma vez que o fotojornalismo possui ativas ressonâncias no cotidiano dos seus espectadores, estabelecendo vínculos de cumplicidade, crença e afetividade que mediam o conhecimento do mundo e participam da produção e reforço de juízos de valor, é importante repensar o modo como a imagem participa desta construção. As imagens que integram a matéria feita por Valentina Colmenares produzem um enquadramento que considera a importância das vidas perdidas na perigosa trajetória do deserto de Sonora, trazendo o trabalho da equipe do “Águias do Deserto” como uma prática de cuidado e de responsabilidade ética que afirma a enlutabilidade das vidas de cada migrante que morre na travessia.

A primeira imagem (figura 1) que nos chama a atenção é o retrato do mexicano Octavio Soria, conhecido entre os voluntários como Chaparrito (baixinho). Ele carrega na mochila uma cruz que seria fincada no chão caso encontrasse os restos mortais de Raúl Sánchez no deserto. A cruz de madeira pintada de branco havia sido doada pela congregação das Irmãs Felicianas

da América do Norte, para homenagear a memória dos migrantes que morrem na tentativa de chegar aos Estados Unidos.

Figura 1 – Octavio Soria, voluntário da equipe do “Águias do Deserto”



Fonte: Colmenares (2023, online). Fotografia: Valentina Oropeza (BBC News Mundo)

O relato imagético de acontecimentos traumáticos produz um aparecimento de corporeidades ligadas ao refazimento de experiências de sobrevivência a partir de vulnerabilidades que se alteram a partir da fabricação, da elaboração constante de uma forma de vida que combina sofrimento, vínculos familiares partidos, vínculos sociais desfeitos, precariedade, falta de respeito, ilegibilidade/invisibilidade diante de esferas mais amplas de apresentação de si e de expressão de suas experiências. Trata-se de ir além do espetáculo do consumo da agonia e construir uma relação ética com as imagens que possa contribuir para a escuta e consideração de demandas políticas.

As condições de reconhecibilidade das vidas estão associadas à conexão que Butler (2004, 2015) quer explorar a partir do conceito de enquadramento e de seu poder de modelar e reorganizar os afetos dos espectadores. Aqui, por mais que narrativas humanitárias reforcem a produção de vítimas como forma de consideração normativa e institucional, é importante pensar em como experiências de vulnerabilidade podem ser traduzidas muito além da perspectiva humanitária. Além disso, imagens podem convocar afetos éticos mais universais (indignação, comoção, raiva, solidariedade etc.), mas localmente o tratamento conferido àqueles tidos como estrangeiros pode ainda permanecer marcado pelo racismo, pela xenofobia, pelos ódios que alimentam as relações intersubjetivas situadas. Enquanto afetos universais direcionam apelos morais para a compaixão (sentir por), afetos políticos ligados à responsabilidade ética conectam-se com a empatia (sentir com).

Butler menciona como o racismo e o olhar colonial interferem na produção de empatia com relação aos povos migrantes que não atendem aos padrões de humanidade definidos a partir de critérios hierárquicos. O migrante é estigmatizado por enquadramentos de hostilidade (cuidadosamente apresentado sob as roupagens da hospitalidade), ódio e depreciação. Como, então, produzir respostas éticas e afetivas que se diferenciem das normas padronizadas e excludentes de reconhecimento?

A matéria em questão humaniza os migrantes que saem debaixo do sol escaldante do deserto em busca de sobreviventes. A trajetória do voluntário Chaparrito, ele mesmo migrante que saiu do México para viver nos EUA aos 14 anos de idade, é narrada nas imagens de modo a considerar a singularidade e importância de sua existência. Seu corpo e os objetos a ele aco-
plados são descritos com minúcia: uma forma de valorizar e fazer o inventário dos vestígios que o singularizam. Na mochila de Chaparrito (figura 2) está pendurado um tênis de criança, encontrado por ele durante uma operação no deserto de Sonora: O sapato se tornou um amuleto que o acompanha durante os mais de três anos que atua como voluntário no Águilas do Deserto: é um elo que recorda o quando foi difícil para sua mãe, separar-se dele no processo migratório.

Figura 2 – A mochila e as ferramentas de Chaparrito



Fonte: Colmenares (2023, online). Fotografia: Valentina Oropeza (BBC News Mundo)

Butler (2015) aproxima enquadramento e moralidade quando aponta para a maneira como narrativas visuais e enquadramentos definem quais vidas são inteligíveis, quais narrativas revelam sujeitos de direitos, existências dignas de serem protegidas. Segundo ela, o enquadramento, tomado como moldura que torna os vulneráveis visíveis, contribui negativamente para intensificar sua precariedade e seu apagamento. Os esquemas normativos e históricos que “preparam ou modelam um sujeito para o reconhecimento, produzem as regras que orientam o modo como apreendemos a vida em sua precariedade” (Butler, 2015, p.28). Enquadramentos são mecanismos de regulação do estatuto dos corpos representados e o tipo de atenção a eles conferida. Por isso, sua reflexão sobre reconhecimento e ética da justiça envolve problematizar o enquadre em busca das fissuras que nos indicam que a moldura não consegue determinar de forma precisa o que vemos, pensamos, reconhecemos e apreendemos.

Se considerarmos a abordagem de Butler (2018), imagens de povos migrantes são frequentemente produzidas a partir de enquadramentos que lhes confere apenas uma legibilidade superficial, resultante de mecanismos neoliberais de gestão dos “indesejáveis”. O enquadramento jornalístico promove um tipo de poder que envolve os modos de (in)visibilidade de sujeitos e grupos, regulando o espaço e os modos de sua aparição.

Consideração das vidas precárias

Raúl é o mais novo de seis irmãos. A família Sánchez é natural de San Antonio Acatepec, uma pequena cidade nas montanhas do município de Zoquitlán, no estado de Puebla, no centro do México. Ele perdeu o emprego num lava-jato durante o período de confinamento da pandemia do coronavírus. Como não conseguiu um emprego estável, decidiu ir para os Estados Unidos. Seus dois filhos adolescentes e sua companheira permaneceram nas montanhas enquanto ele iniciava a rota. “Ele nunca me disse que planejava atravessar o deserto de Sonora. Se ele tivesse me contado, eu jamais teria permitido”, diz sua irmã Inmaculada (Colmenares, 2023, online).

O relato acima é dedicado a apresentar aos leitores da BBC News um pouco da trajetória de Raúl Sanchez (figura 3). No enquadramento escolhido por Valentina Colmenares ele ganha nome, corpo, história, família e reconhecimento através não apenas das palavras de sua irmã, mas também da narrativa jornalística, que vai tecendo um olhar de consideração e avizinhamento com o luto e a dor de migrantes e voluntários no deserto de Sonora. É possível dizer que o enquadramento escolhido privilegia a abertura à dor do outro.

Figura 3 – Raúl Sánchez, migrante que enfrentou o deserto de Sonora



Raúl Sánchez foi visto com vida pela última vez em 22 de agosto de 2023, no deserto de Sonora

Fonte: Colmenares (2023, online). Arquivo pessoal de Inmaculada Sánchez, irmã do retratado

Marielle Macé (2018) define esse gesto de avizinhamento e hospitalidade como um movimento de consideração, de observação, de atenção, delicadeza, cuidado, estima, reabertura de uma relação, de uma proximidade, de uma possibilidade. Segundo ela, o olhar que sidera busca o extraordinário nas travessias dos migrantes, busca a singularização e a exemplaridade de personagens que resistem à morte. É um olhar que se nutre da miséria, do sofrimento e da vulnerabilidade, retornando apenas um sentimento de pena e compaixão. Por outro lado, o olhar que considera trabalha para se relacionar de outra maneira com aquelas vidas que estão sob o foco de sua atenção e também de sua responsabilidade ética. A vida do migrante e sua experiência continuam sendo enigmáticas, continuam trazendo surpresas e permitindo um estranhamento que desloca preconceitos e estigmas.

Considerar seria levar em conta os vivos, suas vidas efetivas, uma vez que é desse modo e não de outro que essas vidas são furtadas ao presente - levar em conta suas práticas, seus dias, e então desenclausurar o que a sideração enclausura; não designar e rotular vítimas, mas descrever tudo o que cada um põe em ação para lidar com situações de vulnerabilidade (Macé, 2018, p. 28).

A consideração também envolve a atenção aos indícios, aos tropeços, desvios e silêncios. Ela não descarta a potencialidade das gambiarras, das artes da resistência que inventam veredas no deserto, em meio aos silêncios, onde a voz se cala para retomar o fôlego. O grupo de voluntários que acompanha Chaparrito se depara constantemente com os rastros deixados pelos migrantes: roupas, mochilas camufladas e “sapatos de tapete”, de sola felpuda para não deixar rastros no caminho e assim evitar que a patrulha de fronteira os encontre (figura 4). São sapatos com sola muito fina, impróprio para as longas e pedregosas distâncias percorridas. Em alguns locais acumulam-se garrafas plásticas, isqueiros, cobertores, roupas e brinquedos. O que não pode ser carregado vai ficando para trás. Objetos que contam detalhes sobre as pessoas, famílias e grupos que se arriscam na travessia do deserto. A reportagem confere especial atenção a esses vestígios, considerando como as materialidades e os objetos fazem parte da construção de uma forma de vida em luta pela sobrevivência.

Figura 4 – Voluntário e pertences de migrantes deixados no deserto



VALENTINA OROPEZA / BBC NEWS MUNDO

Na caminhada pelo deserto de Sonora, é comum os voluntários encontrarem pertences abandonados por migrantes

Fonte: Colmenares (2023, online). Fotografia: Valentina Oropeza (BBC News Mundo)

Esses rastros convocam os espectadores a imaginar os passantes, a considerar os migrantes e tudo o que tiveram que deixar para trás. Esses traços nos indicam “vidas que têm algo a dizer sobre aquilo que são: mais do que bordas, abandonadas e ativamente invisibilizadas, são franjas que já seriam provas de que se poderia fazer de outro modo, uma vez que se fazem de outro modo” (Macé, 2018, p. 60). São vidas que buscam outros caminhos, outras formas e possibilidades de sobrevivência, vidas sobre as quais pouco sabemos, mas que vão além das representações documentadas pela mídia, pelas instituições e pelo preconceito aos estrangeiros – aqui compreendidos como seres estranhos e hostis.

Levar em consideração não é apenas olhar, mesmo que não seja ainda agir; é escutar a ideia que todo estado de realidade enuncia, pois toda coisa expressa sua ideia, não a ideia que se tem dela, mas a ideia que ela é, em outras palavras o possível que ela abre, e é precisamente essa ideia que nos leva a reconhecer, nos lugares de uma vida cotidiana, tomada em sua duração, lugares onde vidas efetivamente se mantêm, onde corpos e almas efetivamente se experimentam (Macé, 2018, p. 45).

Figura 5 – Chaparrito faz uma prece por migrante que perdeu a vida no deserto



Fonte: Colmenares (2023, online). Fotógrafo: José María Roderó (BBC News Mundo)

Chaparrito se ajoelha e chora ao encontrar o corpo de Raúl Sánchez, ressecado e decomposto pelo calor excruciante de Sonora (figura 5). A imagem acima revela um processo de luto por vidas de migrantes mexicanos perdidas ao empreenderem travessias arriscadas. Mostrar o luto na imagem é significativo: não apenas porque Butler (2015, 2019) define o luto como a condição de avaliação de uma vida como tal, mas porque o processo de luto permite um espaço entre o espectador e os migrantes que se distingue das opções comumente oferecidas para esse encontro. A nosso ver, a temporalidade do enlutamento é a temporalidade da coexistência possível. O luto como sinônimo de luta: resistir contra a violência, a barbárie e o esquecimento por meio da construção precária de uma memória ética, de uma experimentação coletiva da dor. Segundo Butler,

[...] o que o luto mostra é a forma como nossas relações com os outros nos sustentam, de maneiras que nem sempre podemos recontar ou explicar, que interrompem a abordagem autorreflexiva de nós mesmos, desafiando a noção de que temos controle autônomo sobre nós (2004, p. 23).

No lugar de discursos de causalidade e de apagamento das sutilezas e texturas das experiências dos povos migrantes, é importante que o jornalismo possa elaborar os relatos que permitem uma aproximação, um avizinhamento mais demorado entre espectador e alteridade presente na imagem fotográfica (Barcelos, 2014). O luto narrado nas imagens expõe como o dispositivo de visibilidade pode nos aproximar ou nos afastar do sofrimento experimentado pelo outro.

Macé (2018) e Butler (2015) afirmam que é preciso considerar os arranjos que modelam formas de vida em situações de urgência, de incerteza, de trauma, nas quais é necessário não só escolher aquilo que merece ser cuidado e preservado, como também requer a criação de estratégias que direcionam todas as ações destinadas a manter a integridade, a dignidade e a preparar o mundo a ser habitável, tornando-o fruto de uma trama complexa de relações cuja função é manter a vida.

Considerações finais

a resistência e a sobrevivência liminar de povos migrantes e voluntários socorristas latino-americanos nos relatos e nas imagens fotográficas aqui analisadas são operações de aparecimento que permitem a criação de intervalos, de zonas intermediárias nas quais as experiências dos migrantes e dos espectadores podem se aproximar, indo além dos tradicionais lugares da vítima, da compaixão e da indignação. Como bem ressalta Butler (2015), questionar o estatuto de vítima não significa vencer a vulnerabilidade, mas manifestá-la, torná-la legível no corpo, nos gestos, na presença, nas lógicas de manifestação que demandam uma resposta oficial das instituições para que as vidas precárias sejam consideradas. Aparecer para evidenciar e contrapor as técnicas de apagamento das existências é uma manifestação política vital para apontar as condições políticas que organizam as desigualdades e as aprofundam.

Na produção de enquadramentos que organizam a narrativa jornalística há um trabalho paciente de tessitura constante dos laços, de uma coletividade partilhada, mas também de sabedoria, que consiste em aproveitar-se dessas articulações para alterar a situação de vulnerabilidade em que se encontram permitindo a sobrevivência no trabalho reflexivo da memória e do trauma (Biondi; Marques, 2015) e a emergência de transformações. Por isso, é vital considerar os arranjos e quadros de sentido que modelam imagens fotojornalísticas que fazem aparecer formas de vida em situações de urgência, de incerteza, de trauma. A responsabilidade ética diante do sofrimento dos migrantes demanda, como destaca Barcelos (2014), não apenas escolher aquilo e aqueles que merecem ser cuidados e preservados, como também requer a criação de estratégias que direcionam todas as ações destinadas a manter a integridade, a dignidade e a preservar e reparar o mundo a ser habitável, tornando-o fruto de uma trama complexa de relações cuja função é manter a vida. Interessa a essas autoras as ações e interações que os sujeitos criam e fabulam para zelar pela manutenção da vida ordinária, das zonas de hospitalidade e das possibilidades de criar e recriar os laços de interdependência que nos sustentam, sempre enredados.

Referências

- BARCELOS, Janaína. Por um fotojornalismo que respeite a dignidade humana: a dimensão ética como questão fundamental na contemporaneidade. **Discursos Fotográficos**, v.10, n.16, 2014, p. 111-134. <http://dx.doi.org/10.5433/1984-7939.2014v10n16p111>
- BIONDI, Angie; MARQUES, Ângela. Corpo sofredor: tensões narrativas e política das imagens no fotojornalismo. **Brazilian Journalism Research** (Online), v. 11, p. 120-141, 2015.

BUTLER, Judith. **Precarious Life**. London: Verso, 2004.

BUTLER, J. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. **Corpos em Aliança e a política das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Vida precária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

COLMENARES, Valentina. 'Eles viraram múmias por causa do calor': os relatos comoventes dos voluntários que recolhem corpos de migrantes em deserto no Arizona, **BBC News Mundo**, 01/12/2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c1v29ll3yk6o#:~:text=Embora%20o%20calor%20e%20a,por%20muros%20e%20arame%20farpado>. Acesso em 20/04/2025.

JÁCOME, P. Quem conta um conto, aumenta um ponto?. In: Bruno Souza Leal; Elton Antunes; Paulo Bernardo Vaz. (Org.). **Para entender o jornalismo**. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, v. 1, p. 187-198.

LEAL, Bruno. Jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. In: Bruno Souza Leal; Carlos Alberto de Carvalho. (Org.). **Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas**. 1ed. São Paulo: Intermeios, 2013, v. 1, p. 25-48.

LEAL, Bruno. Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação In: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane (Orgs.). **Textualidades midiáticas**. Belo Horizonte: Selo PPGCom/UFGM, 2018, p.17-34.

MACÉ, Marielle. **Siderar, considerar**: migrantes, formas de vida. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.